

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



SURTO DE ÔMI
Trudeau, o
mento após
cada m

MÃES DE PORTA EM PORTA
O secretário explicou que o grupo tem hoje 9.390 mulheres, a maioria mães de alunos. Elas trabalham em contato com a direção de cada escola, buscando estudantes faltosos. — Estamos fazendo

VAMOS ÀS URNAS!

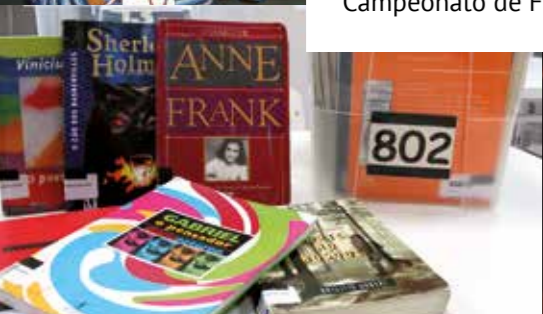
Se eu tomar o re
estiver com Covid

Segundo o infec
Renato Kfourri, pr
do Departamento
Socieda

manifestantes ofere-
cendo alimentos gratuitos em
alguns pontos, uma cozinha
comunitária e atêrgeradores de
energia portáteis, além de ba-
sabeiros e saunas portáteis usa-
das para reuniões.

O país c
bitantes pass
gando ao pico de
s diários. O surto de
clínio, e o Canadá regist
ra média em torno de 13
A média demor

MUJERES UNIDAS
TODAS SERÁN



CONHEÇA OS PROJETOS APOIADOS PELA APM

PROJETOS SOCIAIS

Voluntárias da Caridade
Camisas do Bem
Caixa de Abelhas
Bolsas e auxílios
Livro para Bolsistas

PROJETOS CULTURAIS E PEDAGÓGICOS

Corais e Teatro
Rodas de Conversas
Cirando de Livros
Revista A Chama
Jogos Vicentinos e Torneios
Horta Pedagógica
Responsáveis de Referência

EVENTOS

Excursão ao Caraça
Festa de Natal
Natal dos Funcionários
Feira de Cultura e Compromisso Social
Campeonato de Futebol Amigos do São Vicente

a chama

Revista editada pela
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLIX Nº 110
Agosto/ 2022

Supervisão Editorial
Alline Figueira de Paula e Simone Coelho Moreira Sampaio

Reportagem, Redação e Edição de Textos
Rosa Lima

Revisão de conteúdo
Norma Hoffmann

Projeto Gráfico e Produção Editorial
Christina Barcellos

Capas
Ilustração de Marina Brandão, do 3º ano EM.

Fotos
Alline de Paula, Christina Barcellos, Rosa Lima, arquivo CSVP, arquivo Valeria Baptista, arquivo João Gabriel Ferreira e capturas de tela

Colaboração
Manuela Vilhena, do 2º ano EM

Jornalista Responsável
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretor Eclesiástico
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Diretora Representante dos Professores
Daniela de Carvalho Cordeiro

Diretora Presidente
Alline Figueira de Paula

Diretora Vice-Presidente
Ana Roberta Pires Gonçalves

Diretor Secretário
Marcio Simões Vellozo Gouveia

Diretora Tesoureira
Maria Araújo Parreiras

Diretor Social
Carlos Pesce Thiré

Conselho Fiscal
Bárbara Nascimento Ferreira
Patrícia Zendron
Simone Coelho Moreira Sampaio

Secretário da APM
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

2 **CAPA**
O CSVP NAS ELEIÇÕES

6 **GRÊMIO**
OPORTUNIDADE DE TRANSFORMAR

7 **ARTIGO**
ENGAJAMENTO JUVENIL

8 **FALA, PROFESSORA**
VALERIA BAPTISTA E A EDUCAÇÃO POLÍTICA

10 **AÇÃO PEDAGÓGICA**
MUROS QUE NOS SEPARAM

14 **COLABORADORES**
EX-APRENDIZES AGORA CONTRATADAS

16 **COMO SE FAZ**
A MAGIA DA SALA DE LEITURA

18 **TRANSFORMADOR SOCIAL**
JOÃO GABRIEL FERREIRA: AULA DE SUPERAÇÃO

20 **RODA DE CONVERSA**
INSTITUIÇÕES E DEMOCRACIA

21 **DIVERSIDADE**
VOTO ÉTICO, UMA URGÊNCIA

22 **NOTAS**

24 **RESENHA**
OS SUPRIDORES, DE JOSE FALERO

OLÁ, COMUNIDADE VICENTINA!

Todo o tempo fazemos escolhas. O sufrágio...suffragium, do latim "voto", pressupõe um eleitor, eleitora podendo escolher, se manifestar diante de proposições. Nas sociedades democráticas, o voto, no sentido eleitoral é, ou deveria ser, uma das formas mais legítimas de participação na vida pública. Qual a percepção dos jovens sobre esta representatividade?

Nossa reportagem de capa traz o resultado de pesquisa com nossos vicentinos do Ensino Médio, onde 93,4% dos entrevistados, que completam 16 anos até 2/10/2022, pretendem exercer esse importante direito à cidadania nestas eleições. Vocês poderão apreciar o que desejam esses jovens nesta matéria. Da mesma forma, o artigo do grêmio ressalta a importância de todas as formas de participação ativa em representatividades na sociedade como o verdadeiro papel de um agente de transformação.

Tatiana Roque, mãe vicentina, também exalta a participação dos jovens na política: "Votar é apenas o primeiro passo. Em seguida, teremos que preparar candidatos e candidatas jovens e comprometidos...", diz. E a juíza Raquel Rodrigues Braga nos lembra que a eleição é um marco da civilização e que, diante da abissal desigualdade econômica, o voto ético é uma necessidade premente.

Nesta edição, ainda batemos um papo com a professora de Filosofia Valeria Baptista, que está à frente da Oficina de Política e Poder e também coordenou o Projeto Muros. Interdisciplinar e voltado para os alunos do 2º e 3º anos do Ensino Médio, o projeto propõe a reflexão sobre as muitas barreiras que geram preconceito e exclusão na sociedade.

E para finalizar, deixamos a recomendação de Simone Sampaio, do livro Os Supridores, de José Falero. Diante da constatação da intransponibilidade para muitos excluídos de alcançar um lugar melhor e mais saudável na sociedade, ela traz a seguinte reflexão: "até onde podemos continuar aceitando a miséria cotidiana como natural e imutável?"

Vamos romper, escolher, escolher mudar?

*Alline Figueira de Paula
Presidente da APM*

VOTA, CSV P!

Maioria dos alunos aptos pretende exercer seu direito ao voto nas eleições de outubro

Este ano, mais de dois milhões de brasileiros entre 16 e 18 anos se habilitaram para votar nas eleições de outubro, segundo o Tribunal Superior Eleitoral. Contrariando a ideia corrente de que estão indiferentes à política, os jovens se mobilizaram e, na reta final do prazo para o alistamento ao pleito, chegaram ao recorde de novos títulos de eleitor, um número 47% superior a 2018.

No Colégio São Vicente de Paulo, não foi diferente. Na última semana antes do recesso de julho, a *Chama* fez uma enquete com os alunos do Ensino Médio para sentir como eles estão se comportando em relação às próximas eleições majoritárias no país, se pretendem votar, por quê e o que esperam dos candidatos.

O que constatamos foi, em primeiro lugar, que a imensa maioria dos estudantes aptos – aqueles que completam 16 anos até o dia 2 de outubro de 2022, data do primeiro turno das eleições gerais – pretende ir às urnas exercer seu direito ao primeiro voto.

Foram nada menos do que 111 respondentes, quase o dobro dos 66 que responderam à enquete feita pela revista em 2018. Dos 111 alunos, 12 tinham 15 anos quando preencheram o questionário; 43 tinham 16 anos; 50, 17 anos; e 5, 18 anos. Cinco respondentes não tiraram o título de eleitor porque não vão atingir a idade mínima para votar até a data do pleito. Dos 106 restantes, os que estão aptos a votar, 99 – ou 93,4% – disseram que pretendem fazê-lo em outubro, lembrando que, para a maioria deles, esse voto é facultativo, já que, no Brasil, apenas os maiores de 18 anos são obrigados a votar.

E que motivos impulsionaram a busca pelo primeiro voto desses meninos e meninas, oriundos – em sua maioria – da elite da Zona Sul carioca? A preocupação com a fome, o desemprego e a violência, a percepção de que a educação, a saúde e o cuidado com o meio ambiente pioraram, a sensação de que é importante participar das escolhas que afetam a vida da população, o desejo de ajudar a fazer do Brasil um lugar melhor ou simplesmente a vontade de mudar o país.

Resumidamente, o que a maioria desses estudantes espera dos candidatos eleitos é que sejam honestos, respeitem a Constituição, melhorem as condições de vida, combatam a desigualdade e a intolerância, invistam na educação, na saúde e na ciência, cumpram suas promessas de campanha e tragam mais esperança para o Brasil.

Veja a seguir o que disseram sobre a importância do voto alguns alunos e alunas do CSV P que se mobilizaram para tirar seu título de eleitor e o que eles esperam dos futuros ocupantes dos cargos eletivos.

ISABEL VIOLANTE

Por que você pretende votar?

Porque quero colocar minha opinião política no mundo e escolher meus representantes no poder.

O que você espera dos eleitos?

Espero que melhorem a economia do país e priorizem minorias para mudar mais o cenário político-social.

MATHIAS GABRIEL

Por que você pretende votar?

Porque pretendo contribuir para o meu país votando em um presidente que contribuía para a população brasileira.

O que você espera dos eleitos?

Espero que sejam candidatos bons com propostas que façam o Brasil evoluir em todos os aspectos.



GABRIEL VIVEIROS

Por que você pretende votar?

Porque o jovem deve ter mais espaço na política.

O que você espera dos eleitos?

Um governo dedicado, técnico e com um projeto claro que possa ser entendido por toda a população. Desenvolvimentismo rápido e nacional das nossas indústrias de base, além de reformas como agrária, bancária e outras, a fim de promover a igualdade dentro do território nacional.

GABRIEL JAGGER

Por que você pretende votar?

A participação dos jovens na decisão do futuro do nosso país é fundamental.

O que você espera dos eleitos?

Espero projetos reformistas, visando melhorar qualidade de vida do povo brasileiro, aprimorando o acesso à saúde, alimentação e etc.

HELENA DO VALE MORGADO

Por que você pretende votar?

Porque acho necessário.

O que você espera dos eleitos?

Mudanças.

LIA TERRY

Por que você pretende votar?

Para mudar o atual governo.

O que você espera dos eleitos?

Sinceramente minhas expectativas são baixas, mas espero que as medidas tomadas pelo atual governo que resultaram no aumento da desigualdade e das mortes por Covid sejam revertidas. Acredito na maior distribuição de bens possível, e dentro das atuais possibilidades espero que ao menos a saúde pública e os produtos nos mercados sejam acessíveis a todos.

BEATRIZ LINHARES

Por que você pretende votar?

Acho de suma importância participar da cena política atual. Nossa geração precisa se colocar ativa nas decisões que dizem respeito ao futuro do país. O mundo inteiro passa por uma onda de extrema-direita muito perigosa que coloca questões vitais para escanteio. Tirei meu título em 2020 com 16 anos mas não consegui votar por uma falha no sistema do TRE. Este ano voto com o maior orgulho e certeza do meu voto. Somos o futuro. Fora Bolsonaro. Lula 22.

O que você espera dos eleitos?

Não necessariamente uma mudança estrutural. Sei que presidentes são temporários e não fazem milagres nos sistemas políticos complexos em que vivemos. Mesmo assim, espero o mínimo – coisa que nos acostumamos a não ter no governo Bolsonaro. Alianças políticas com nossos países vizinhos, integração nas organizações de combate à crise climática, limpeza nas ilegalidades de queima e garimpo das nossas matas e extermínio dos povos originários brasileiros.

CAROLINA GRINBERG LIMONCIC

Por que você pretende votar?

Votar é um ato político de extrema importância. Para mim não faz sentido criticar o país como está e querer um ambiente melhor e mais seguro se eu não fizer parte ativamente desta escolha.

O que você espera dos eleitos?

O Bolsonaro destruiria o país cada vez mais, como fez nos últimos quatro anos. A resposta é simples: Lula!!

PEDRO PITALUGA

Por que você pretende votar?

Quero um país melhor.

O que você espera dos eleitos?

Que cumpram metas de desenvolvimento e que atendam a quem precisa.

JULIANA FLEURY**Por que você pretende votar?**

Porque eu acho que a próxima eleição será muito importante para a história do nosso país e é muito importante que o maior número de jovens faça parte disso, já que é o nosso futuro que está em jogo.

O que você espera dos eleitos?

Eu ainda estou escolhendo os candidatos em que irei votar, porém, espero que o nosso país melhore nos quesitos econômicos, sociais e principalmente no setor de saúde.

LOÏC MARTINS LESSA**Por que você pretende votar?**

Temos que nos unir para combater o mal, e o mal de hoje é o Bolsonaro.

O que você espera dos eleitos?

Sinceramente, o que eu quero é que o Bolsonaro não seja reeleito, não tenho palavras para descrever como ele é um monstro. O Lula é bom até, mas ele roubou muito, pode ter sido para ajudar os pobres, mas roubou mais para ele. O candidato em que pretendo votar é o Ciro Gomes. Ele é o centro da parada, não é ladrão e nem um monstro.

HEITOR AZEVEDO**Por que você pretende votar?**

Porque quero ajudar o Brasil a se tornar um lugar melhor, e o único jeito disso acontecer é contribuindo.

O que você espera dos eleitos?

Espero que a pessoa eleita seja uma pessoa honesta, que ame o país e faça de tudo para contribuir com sua melhora.

PABLO PAGANELLI**Por que você pretende votar?**

Eu vou votar porque eu acho que é importante que você se envolva com a política do seu país o mais cedo possível.

O que você espera dos eleitos?

Independente do que façam, eu quero que eles não sejam corruptos.

LUCAS GALVÃO**Por que você pretende votar?**

Pretendo pois é importante manifestar a nossa opinião e estou insatisfeito com o atual governo.

O que você espera dos eleitos?

Não muito, só espero que eles sejam capazes de fazer melhor do que o presidente atual. Espero ver também uma maior valorização da educação e dos canais midiáticos como emissores de cultura e informações sobre nossa sociedade e seus costumes e diversidade.

KAY ALVITO**Por que você pretende votar?**

Porque considero necessária a participação política dos que serão afetados por ela, e o futuro do país depende disso. Considero não votar um absurdo quando os resultados definem se direitos humanos serão respeitados ou descartados, se o nosso planeta vai ser destruído ou salvo.

O que você espera dos eleitos?

Espero que não neguem direitos humanos básicos (ridículo isso ser algo que alguém espera num candidato e não algo implícito) e que não destruam a Amazônia!!!!!! Também que foquem em resolver a extrema pobreza e a desigualdade do nosso país, gerando oportunidades, melhorias na saúde, etc.

**BENJAMIM NOGUEIRA****Por que você pretende votar?**

Para exercer meu direito mais importante como cidadão e assim eleger os futuros governantes do meu país, que definirão assuntos muito importantes, que certamente mudarão minha vida no Brasil.

O que você espera dos eleitos?

Espero que sejam bons e que governem pelo bem de todos da população e não só por interesses próprios ou dos mais ricos e privilegiados.

PEDRO HENRIQUE PAES**Por que você pretende votar?**

Porque vejo importância e urgência do voto nas eleições seguintes visto a situação atual governamental do país.

O que você espera dos eleitos?

Uma mínima possibilidade de melhora em relação às situações agravadas no governo atual, que objetivamente foram críticas visando as condições atuais da sociedade brasileira geral, relacionada principalmente à economia e infra-estrutura.

LUCA ANTELLO SPADA**Por que você pretende votar?**

Eu acho que o jovem deve ser representado quando se escolhe um presidente, o voto do jovem reflete uma nova mentalidade, que tem um novo modo de pensar e baseada em valores morais diferentes e renovados.

O que você espera dos eleitos?

Espero que os candidatos sejam honestos e comprometidos com o povo.

CATARINA P. DA CUNHA**Por que você pretende votar?**

Pra tirar o Bozo do governo.

O que você espera dos eleitos?

Qualquer coisa realmente. Saindo o Bolsonaro, o que quer que venha é lucro.

BEATRIZ LEVY**Por que você pretende votar?**

É necessário votar nas eleições de 2022, assim como em qualquer outra, pois para que se tenha algum tipo de mudança efetiva no âmbito social, a participação política é fundamental. Mesmo que o candidato escolhido não seja o ideal, tem que ser estrategista para que se alcance futuramente um representante melhor dentro dos critérios de cada cidadão, já que estamos num sistema, em tese, democrático. Não tem como exigir mudanças sem fazer sua parte.

O que você espera dos eleitos?

Espero que foquem intensivamente nas necessidades de grupos marginalizados, em prol do declínio da desigualdade social que se agrava atualmente, tanto na questão de direitos civis, assim como na repartição de renda. Os candidatos eleitos devem estudar formas de combater a crise econômica existente em suas devidas áreas, o aumento do desemprego, dentre outras pautas importantes situadas no país. Evitar ao máximo políticas neoliberais, privatizantes e elitistas.

JOSÉ RIEPER GOLDEMBERG**Por que você pretende votar?**

Para contribuir na formação de uma sociedade melhor, em todos os aspectos.

O que você espera dos eleitos?

Espero que sejam no mínimo coerentes.

MIRANDA DE ALCÂNTARA**Por que você pretende votar?**

Eu pretendo votar este ano pois é de extrema importância para um Brasil democrático o voto, ele não só representa a minha voz e opinião, mas define o futuro do país nos próximos quatro anos. Não tem como haver um país direito, sem um candidato apropriado que garanta todos os direitos e que pense não só no bem da população mas também em uma sociedade mais justa, com educação, direitos humanos e direitos iguais.

O que você espera dos eleitos?

A minha expectativa acerca dos próximos candidatos é que eles tenham uma visão mais ampla para a sociedade, que realmente possam visar os problemas do país e da população, como a fome, a educação precária, exploração dos recursos naturais, desmatamento, desigualdade social e de gênero. Precisamos de candidatos sérios que levem o Brasil a sério, é crucial para o desenvolvimento do país pessoas que estejam ligadas com os direitos e que realmente tenham interesse em investir no Brasil e nas pessoas. O Brasil cada vez mais precisa de alguém competente, não podemos deixar candidatos que violam a democracia ficar no poder, é inadmissível.

UMA OPORTUNIDADE DE SERMOS TRANSFORMADORES SOCIAIS

A importância do voto tem raiz na necessidade de representatividade da população. A partir dele, a maioria consegue eleger um candidato que se mostre capaz de exercer o seu poder. Assim, o que o direito a votar proporciona de mais mágico não é a separação de interesses distintos, mas a reunião de ideologias diversas que se juntam para alcançar um objetivo maior. Desde candidatos, partidos, até polos políticos, e tudo o mais que não pensaríamos ser possível, acontece na véspera de uma eleição.

Quem vai governar o país? Isso é o que uma eleição decide. Isso é o que a população decide a partir do voto. O papel da juventude entra na parte em que, ao votar, ela vai estar lutando pelo o que acredita desde cedo. Estudando no CSVP, temos o privilégio de nos educar e nos informar, formando mentes pensantes e críticas. A eleição é uma oportunidade de colocar essas mentes, fruto de um projeto de educação libertadora, para agir. As eleições são uma oportunidade que temos, como alunos do CSVP e jovens brasileiros, de sermos transformadores sociais.

A participação política desde cedo traz uma bagagem para um percurso que nunca acaba ("A política é o caminho da felicidade" - Aristóteles). Essa trajetória pode começar em discussões em reuniões de família ou entre amigos, a partir de debates propostos pela escola, na participação em protestos, etc. Desde a proposta de reciclagem em seu condomínio até

a participação em uma chapa, é uma iniciativa com cunho político em que se tem a possibilidade de colocar o que você acredita para fora. Por isso a importância da democracia: o direito à voz, ao debate, à discordância.

A observação é a primeira etapa, depois vem a crítica e então a ação. A primeira votação na juventude é a passagem da crítica para a ação. Ou seja, qual providência nós jovens vamos tomar a partir do que criticamos na sociedade?

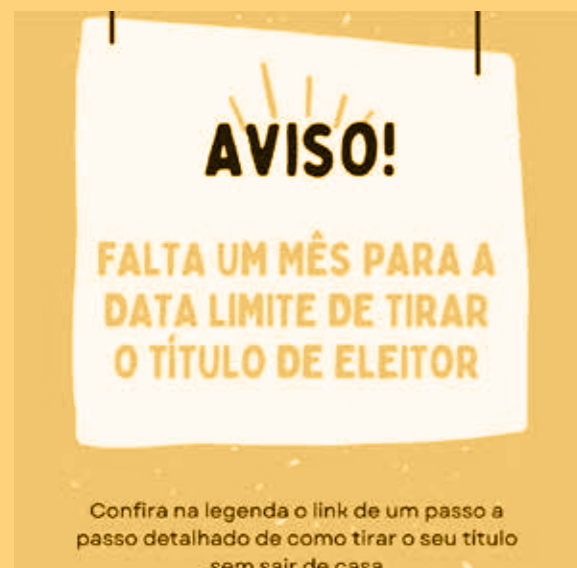
Para se entender a política, é preciso percebê-la no cotidiano, nos atos do dia a dia. É preciso reconhecer que ela afeta o hoje, moldou o ontem e determinará o amanhã. Qual é o amanhã que queremos? Que tipo de sistema de saúde, educação, segurança, transporte e saneamento básico nós queremos? A juventude já é atingida pelas decisões políticas dos governantes, logo não se pode enxergar a política como um elemento distante da realidade pois foi ela própria que a pautou. Dessa forma, quem vai decidir como estarão as universidades federais a que iremos nos candidatar?

A eleição é uma forma de as pessoas se unirem, mesmo que elas pensem diferente, para alcançar um objetivo maior, para se juntarem a fim de combater um concorrente em comum. A política não é o distante nem o ideal, é a realidade crua. A política democrática não tem como objetivo separar, mas unir. Assim, uní-vo.

Por acreditarmos na força da juventude para a mudança, o Grêmio Tropicália abraçou a campanha para que todos os maiores de 16 anos se alistassem para votar, passando nas salas e fazendo postagens na nossa página do Instagram. Pela importância da obtenção do título de eleitor nesse momento, os grêmios LUT (CEAT), Tropicália (Colégio São Vicente de Paulo) e GEAP (EDEM) se reuniram para formular essas postagens de divulgação e convocar a juventude e todos que possam vir na construção de um país mais justo de se viver.

Manuela Vilhena,

aluna da turma 2A do Ensino Médio



Postagem de abril no Instagram do Grêmio Tropicália, lembrando os alunos do prazo e do procedimento para tirarem o título de eleitor.

UM PAÍS MELHOR COMEÇA COM JOVENS ENGAJADOS

O Brasil bateu o recorde de jovens entre 16 e 18 anos que tiraram o título a tempo de votar neste ano de 2022. Entre janeiro e abril, o país ganhou 2.042.817 novos eleitores dessa faixa etária, um aumento de 47,2% em relação ao mesmo período em 2018. Essa é uma excelente notícia! Como o voto nesta faixa é opcional, as pessoas que decidiram votar estão de fato conscientes da importância das eleições de outubro.

A democracia brasileira está em risco e uma das maneiras mais eficazes de fortalecê-la é aumentar a participação política. Mas há outra razão para renovarmos as esperanças com a mobilização da juventude. Enfrentar as mudanças climáticas é um dos desafios mais urgentes do nosso tempo. As pessoas que têm hoje entre 16 e 18 anos passarão a viver em um mundo que já sente os efeitos do aquecimento global: enchentes mais frequentes, chuvas mais intensas, ondas de calor e incêndios. De um ano para cá, vimos cenas terríveis da Amazônia e do Pantanal em chamas, testemunhamos enchentes graves em Minas Gerais, em Petrópolis e na Baixada Fluminense, e ouvimos falar de uma fase de calor fora do normal na Europa. Todos esses eventos se tornarão mais intensos e mais frequentes, é o que afirma a ciência do clima.

No mundo todo, esse tema mobiliza jovens, que têm sido – com razão – os mais preocupados com o planeta em que habitaremos nos próximos anos. Ainda dá tempo de mudar isso, mas devemos começar a agir desde já. As transformações necessárias demandarão alterações profundas na economia, na organização da sociedade e na política. A escala das mudanças é enorme e vai muito além do comportamento individual. Consumo consciente é importante, mas está longe de resolver o problema. Por isso, vamos precisar incidir mais na política institucional. Vamos precisar criar movimentos ligados a questões ecológicas, vamos ter que eleger pessoas comprometidas com essa causa e que priorizem temas ambientais, como o combate ao desmatamento e ao garimpo ilegal. Além disso, teremos que criar uma economia verde, com foco na transição energética e no reflorestamento.

“A DEMOCRACIA BRASILEIRA ESTÁ EM RISCO E UMA DAS MANEIRAS MAIS EFICAZES DE FORTALECÊ-LA É AUMENTAR A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA.”

O desafio parece grande demais. E realmente é. Essas mudanças afetarão interesses econômicos, com grande poder de influência no sistema político. Só quem pode enfrentar esses poderes estabelecidos é uma juventude engajada e mobilizada. Protestos e movimentos sociais serão essenciais. Mas também precisaremos ocupar a política partidária. Votar é apenas o primeiro passo. Em seguida, teremos que preparar candidatos e candidatas jovens e comprometidas com essas causas.

As mudanças climáticas causam desânimo quando são vistas como um fardo, quando são associadas a sacrifícios, como consumir menos, parar de andar de carro ou deixar de comer certos alimentos. Mas não precisa ser assim. Temos a possibilidade de mudar estruturas que já não são boas para todo mundo, um sistema que tem produzido pobreza, desigualdade e violência. Já que precisamos mudar tanta coisa, podemos aproveitar a oportunidade para propor um recomeço. Começar tudo de novo. Só a juventude pode fazer isso. Quanto mais pessoas jovens votarem, mais seus desejos estarão representados, mais poderão cobrar de quem elegeram, mais participação política terão e mais influência exercerão nos caminhos do país.

Um país melhor começa com jovens que se importam com política. E será construído por esses jovens entrando na política para valer.

Tatiana Roque,

professora do Instituto de Matemática da UFRJ, atualmente licenciada porque é candidata a deputada federal, é autora do livro O Dia em que Voltamos de Marte (Planeta, 2021) e mãe do aluno Matias Oneto, do 1º ano do EM.

QUATRO PERGUNTAS PARA VALERIA BAPTISTA



No alto, Valeria no passeio ao Cristo Redentor com alunos da EJA, e, ao centro, em aula na Oficina de Política e Poder, em 2022. Na foto acima, com os meninos Pankaru no Projeto CPF, na Bahia, em 2007. E, ao lado, tocando tambor no Festival de Música de Protesto do CSVP, em 2014.

Formada em Ciências Sociais, com especialização em Educação de Jovens e Adultos e mestrado em Educação, a professora Valeria Baptista, hoje com 55 anos, trabalha desde os 15 com educação, numa trajetória que envolve trabalhos voluntários diversos e experiência na rede municipal de ensino. No Colégio São Vicente, ela entrou em 2002. São 20 anos, iniciando na EJA com Estudos Sociais, depois com Sociologia e Filosofia e, posteriormente, no Ensino Médio diurno atuando no ensino de Filosofia e na Extensão com a oficina de Política e Poder.

Na oficina, Valeria e seus alunos recebem convidados para debater sobre voto, juventude e participação política, ditaduras na América Latina, Comissão da Verdade e eleições, dentre outros assuntos, e também assistem a filmes, documentários e vídeos relacionados às temáticas abordadas.

“Realizamos também pesquisas sobre diferentes assuntos da política nacional e internacional e visitamos a Câmara de Vereadores, conversando com vereadores no plenário”, explica ela, que complementa: “No momento, nossas visitas são apenas virtuais devido à pandemia, mas conseguimos visitar o Museu da República como espaço de poder”, diz.

1 No seu modo de ver, qual a importância do estudo da Filosofia no Ensino Médio?

A Filosofia é um caminho relevante na construção de consciência crítica e de ações autônomas e coletivas, através do entendimento de si e do outro. Em tempos de *selfies*, onde tudo é muito fluido e efêmero, o desejo pelo conhecimento e pelo ato de pensar é um grande desafio.

2 Com a criação da Extensão do Ensino Médio, você assumiu também a Oficina de Política e Poder do segmento. Qual a proposta dessa oficina?

A oficina de Política e Poder é oferecida aos alunos do 1º e 2º anos do EM e tem como propósito trabalhar atividades que: 1) valorizem a importância da participação cidadã, do conhecimento de direitos fundamentais e do funcionamento do sistema político nacional; 2) discutam as Relações Internacionais através do panorama político mundial e da América Latina; e 3) apresentem a relação da arte e dos afetos com a política e o poder.

É a possibilidade de se conseguir transformar a realidade em que se vive, como diz o PPP do Colégio, identificando pontos importantes de interseção da política e do poder nas questões de raça, classe, gênero e geração e de disputas entre diferentes grupos sociais.

3 Este ano um grande contingente de jovens entre 16 e 18 anos se habilitou para votar nas eleições de outubro. Como você vê esse fato?

Juventude é uma categoria muito diversa, é preciso compreender como os jovens estão construindo e dando sentido à política, que muitas vezes é vista como algo chato e sem sentido, gerando falta de interesse e pessimismo.

A importância da participação das juventudes na política não se dá apenas pelo voto, que é uma das formas de garantia de direitos e que temos que incentivar em um país repleto de desigualdades. É preciso também perceber a importância de participar dos espaços de juventude na política: no grêmio, em coletivos, em oficinas, etc.

4 Como o tema das eleições e do voto juvenil foi tratado na Oficina de Política e Poder?

Votar é uma ação cidadã complexa. Na oficina trabalhamos a importância do voto de 16 a 18 anos promovendo um debate com jovens que atuam em diferentes campos políticos; construímos cartazes com informações sobre como tirar o título de eleitor *online*; pesquisamos no site da Câmara de Vereadores os projetos apresentados pelos vereadores de diferentes partidos, identificando a importância do cargo para a cidade; identificamos o que é o trabalho de um representante político eleito e seu retorno à sociedade através de projetos para a cidade, estado e país; analisamos os projetos dos candidatos à presidência de 12 partidos políticos nas áreas de educação, economia, saúde, segurança, etc.

A EDUCAÇÃO POLÍTICA É FUNDAMENTAL PARA TRANSFORMAR E RESISTIR, PARA PENSAR UM PAÍS MAIS JUSTO, COM ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES, COM RESPEITO ÀS DIFERENÇAS EM TODAS AS SUAS COMPLEXIDADES E SEM ÓDIO.

MUROS QUE NOS DIVIDEM

Projeto interdisciplinar do 2º e do 3º ano do Ensino Médio reflete sobre as diversas barreiras que geram exclusão social

“Muro – Parede ora mais alta, ora menos alta, resistente, em geral de alvenaria ou de pedra, construída para cercar ou dividir uma área. Qualquer coisa que sirva para isolar, proteger ou defender”. Assim o Dicionário Caldas Aulete define o substantivo masculino *muro*. Num momento em que o Brasil e o mundo se encontram tão divididos e ameaçados por rupturas, pensar em muros como metáforas do que vivemos pode nos apontar caminhos de resistência e superação.

Foi o que fez a professora de Filosofia Valeria Baptista ao idealizar e coordenar o Projeto Muros, voltado para os alunos do 2º e do 3º ano do Ensino Médio. Seu objetivo é reconhecer e analisar criticamente os diferentes muros, concretos ou simbólicos, construídos ao longo da história,

que separam e colocam fronteiras entre as pessoas, gerando exclusões, cerceamento, extermínios e preconceitos, nas palavras da própria Valeria, que convidou para se unir a ela os professores de História, Geografia, Sociologia e Inglês do segmento.

“Esse projeto, como todos os trabalhos interdisciplinares que fazemos no São Vicente, sobretudo na área de Humanas, tem por base dar oportunidade aos alunos de desenvolverem seu pensamento crítico trazendo para a vida real e o mundo atual o conhecimento aprendido”, acrescentou o professor de Sociologia, Antonio Engelke.

Pensado para se estender por todo o ano letivo, o Projeto Muros é dividido em subtemas, construídos conjuntamente entre professores e alunos ao longo do processo. “A ideia é que ao final do projeto os alunos construam um muro,

talvez orgânico, com sementes, imagens e textos, tratando dos diferentes muros que nos cercam”, explicou Valeria.

Muros da Violência

Para o primeiro trimestre, o subtema escolhido foi Muros da Violência. Cada uma das séries trabalhou determinados aspectos relacionados à questão da violência, elencados de acordo com o conteúdo que vinha sendo estudado nas disciplinas participantes.

Em Filosofia, por exemplo, os alunos do 2º ano estavam estudando textos da filósofa alemã Hanna Arendt e seu conceito de banalidade do mal, enquanto os do 3º ano trabalhavam Maquiavel e a ideia de Estado forte. “Cada um a seu modo, os demais professores abraçaram o projeto, que traz uma simbologia abrangente com que as turmas puderam dialogar”, disse Valeria Baptista.

“No 2º ano, estávamos tratando do imperialismo no século 19, sobre a Inglaterra colonizando a Índia, conquistando e colonizando territórios na África e na Ásia, sobre uma cultura branca ocidental se colocando como superior, toda a temática do darwinismo social, do racismo. Assim, no projeto, nós refletimos mais sobre esse muro simbólico e cultural que existia entre os ocidentais e os povos nativos, num encontro repleto de injustiças, preconceitos e violências”, explicou o professor de História, Luís Gauí.

Uma das atividades realizadas em conjunto foi assistir e debater o filme *Vitória e Abdul*, que trata da relação da Rainha Vitória da Inglaterra com um cortesão e camareiro da Índia, e mostra como esses muros e essas distâncias puderam ali ser momentaneamente superadas, e cada um pôde compreender melhor o outro. “É um filme que traz essa perspectiva mais positiva e construtiva em relação à humanidade e não só a crítica e a tragédia resultante desse encontro de culturas”, ponderou Gauí.

Com o 3º ano, em que o século 20 é o foco do conteúdo estudado em História, as reflexões giraram em torno de muros concretos, como o Muro de Berlim e o muro que divide Israel e os outros estados palestinos, e a própria Guerra Fria, como um muro que separou o mundo em dois. Segundo o professor, a principal contribuição de sua disciplina ao projeto foi a de aprofundar a discussão apresentando conceitos e os contextualizando em momentos específicos da história.

Racismo e xenofobia

Na cadeira de Geografia, o objetivo, no 2º ano, era que os alunos empregassem no Projeto Muros os conceitos de racismo estrutural e segregação socioespacial trabalhados em sala de aula. “Esse objetivo foi plenamente atingido porque, de um lado, eles conseguiram fazer muito bem



Trabalhos do 2º ano. Nesta página, ilustrações dos alunos para os trabalhos sobre racismo estrutural e segregação socioespacial. Na página ao lado, algumas imagens dos padlets: os príncipes da Inglaterra em visita a colônia africana, os jovens da favela portando instrumentos musicais, a violência com LGBTs, pedido de paz na escola e aviso grafitado da facção criminosa Comando Vermelho.



essa articulação e, por outro lado, a discussão sobre racismo e segregação socioespacial foi qualificada pela ponte estabelecida com Filosofia, História e Sociologia”, disse o professor Paulo Henrique Barbosa de Andrade, o PH.

No 3º ano, as turmas estavam estudando mobilidade territorial, migração, asilo e refúgio. O projeto trabalhava a ideia da separação, e da fronteira, da xenofobia e da criminalização dos deslocados, o que, segundo PH, também enriqueceu muito o debate.

Em inglês, a professora Glória Elena trouxe para a sala de aula uma discussão sobre o filme *O Batman*, o último da série, lançado recentemente nos cinemas e no streaming. E é ela quem conta: “Eu já vinha trabalhando com os alunos a forma como a cidade é representada nesse filme. Ele aborda o início da trajetória do personagem principal, Bruce Wayne, como Batman, e o diretor foca na relação dele com a cidade de Gotham. O cenário, a fotografia, a trilha sonora, tudo acentua a visão de uma cidade decadente e dividida, e até o final o filme vai tematizar essa divisão. Com os conceitos trabalhados pelos alunos nas demais disciplinas, o Projeto Muros enriqueceu muito essa discussão porque pudemos estender a reflexão para o que vivemos no Rio também”.

Por fim, na cadeira de Sociologia, o professor Antonio Engelke trabalhou a ideia de muro da violência como metáfora para muitas situações do nosso cotidiano. Com as

turmas do 2º ano, por exemplo, o conteúdo estudado era segurança pública e o papel das polícias e do Judiciário. “Usando a metáfora do muro, pudemos pensar o que separa as pessoas que são tratadas como cidadãs pelo Estado, daquelas que são tratadas como não-cidadãs. Por que em determinadas áreas as pessoas têm seus direitos respeitados pelo Estado e em outras, não? Por que as polícias agem de forma diferente no asfalto e na favela? A ideia do muro nos ajuda a pensar o problema da desigualdade”, argumentou.

Metáforas da segregação

No 3º ano, o assunto em questão era a formação da democracia e as tradições de pensamento que a constituíram tal como a entendemos hoje. “Aí de novo a metáfora dos muros pôde ser usada para jogar uma luz sobre questões fundamentais da democracia. Como as diferenças salariais entre homens e mulher no mercado de trabalho, a discriminação contra negros e outras minorias étnicas e tantas outras situações de segregação e exclusão significam verdadeiros muros a impedir um tratamento mais igualitário e democrático entre os cidadãos”, disse o professor.

E o que se viu como resultado foram reflexões interessantes dos estudantes sobre as violências geradas pelos muros que erguemos em sociedade. Ao analisar uma foto em que um policial branco é visto jogando spray de pimenta numa criança preta, um grupo de alunos da

turma 2A escreveu: “A violência presente na figura escolhida está cada vez mais exposta na sociedade brasileira. Isso ocorre devido ao racismo estrutural e à normalização que a população desenvolveu em relação aos casos de abuso do poder policial”.

No 3º ano, os muros da violência se traduziram em reflexões sobre neonazismo, racismo, xenofobia, intolerância religiosa, narco e necroestado, governo Bolsonaro, exclusões na arte, dentre outros, apresentados em forma de jornal, podcast ou telejornal, utilizando o que eles aprenderam nas aulas de mídia e os modelos e recursos disponíveis na internet.

Um grupo da turma 3B, por exemplo, fez um vídeo abordando as contradições entre o discurso e a prática religiosa em relação à população LGBT. “Um dos pensamentos principais levantados no trabalho foi a forma como a religião, ao mesmo tempo em que oferece um ambiente de acolhimento, cria muros perante as minorias, já que esse acolhimento é, no final das contas, vazio e, muitas vezes, violento”, disse a aluna Nina Costa, integrante do grupo. O vídeo, com clipe da cantora Linn da Quebrada e entrevista com a influenciadora e drag queen Ismeiow pode ser visto no Pod da Lia no YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=zPOfz_o6ucl).

Refletindo sobre os muros da violência na arte, um grupo da turma 3A produziu um jornal – O Artixtinha –

com ótimos textos e ilustrações, em que abordam questões como elitização (acesso limitado a museus e faculdades) versus popularização (grafite e pixação) da arte, dentre outros. “O que pegou muito pra gente é que o trabalho tinha que ser bonito, no sentido de ter uma preocupação estética, porque nosso tema era a arte. Então, além dos próprios assuntos tratados, tudo no trabalho – ilustrações, imagens e a própria organização do texto, foi pensado pra ficar... artístico”, argumentou a aluna Marina Brandão, que participou do grupo.

No segundo trimestre o Projeto Muros enfocou como subtema a questão do corpo, como elemento que expressa tanto relações de opressão quanto de resistência. Os trabalhos completos do subtema Muros da Violência, realizados no primeiro trimestre, foram reunidos em padlets que podem ser acessados nos seguintes endereços:

- 2º ANO
- 2A - <https://pt-br.padlet.com/filosofiacsvp/croyqf1ydsd7umk>
- 2B - <https://padlet.com/filosofiacsvp/kbh2pmvyzkmqmlh9>
- 2C - <https://pt-br.padlet.com/filosofiacsvp/ptyl1pps4xdh3kpn>
- 3º ANO
- 3A - <https://padlet.com/filosofiacsvp/ggygce7nt85qwqwa>
- 3B - <https://padlet.com/filosofiacsvp/n5h109u46vtmf19l>
- 3C - <https://padlet.com/filosofiacsvp/r5c04jv23dc1l0m4>



Trabalhos do 3º ano. Na página ao lado e acima, alguns dos jornais produzidos pelas turmas. À direita, apresentação de telejornal, podcast e a imagem de um padlet da turma 3C.



VALORIZANDO A PRATA DA CASA

Duas jovens oriundas do programa Aprendiz Legal foram efetivadas e agora integram o quadro de funcionários do CSVP

As jovens colaboradoras em seus postos de trabalho. Acima, Marcelly na biblioteca e, na página ao lado, Lisandra nos serviços gráficos

Há tempos que o Colégio São Vicente de Paulo mantém em seus quadros jovens aprendizes, seguindo a determinação da Lei da Aprendizagem (10.097/2000). Através do programa governamental Aprendiz Legal, voltado para a preparação e inserção de jovens na vida profissional, estudantes de 18 a 24 anos que estejam cursando o Ensino Médio têm sua primeira oportunidade de trabalho no colégio, combinando formação teórica e prática. Para as organizações que se engajam no programa, mais do que exigência legal, as cotas de aprendizes são uma oportunidade de desenvolvimento humano e de formação de futuros colaboradores engajados na cultura organizacional.

Tradicionalmente, o São Vicente alojava os jovens aprendizes que acolhia – quatro por vez, dois de manhã e dois à tarde – na secretaria, onde ficavam até o final do contrato, de cerca de um ano e meio de duração. A partir de 2019, no entanto, com a implantação da área de Desenvolvimento do Educador Vicentino (DEV), que seleciona, capacita e acolhe quem vem trabalhar no CSVP, os jovens aprendizes passaram a atuar também em outras áreas do colégio e, o que é ainda melhor, com a possibilidade de efetivação ao final do contrato.

Zelo vicentino

“Quando surge uma vaga nos nossos quadros, poder contar com quem já está aqui trabalhando conosco, desempenhando bem sua função e integrado à cultura da casa, é bom para ambas as partes. Isso é zelo, que é um dos valores vicentinos”, disse a gerente do DEV, Daniela Barbará.

A primeira a se beneficiar dessa nova política foi Marcelly Cândido Machado, hoje com 22 anos. Ela ingressou no São Vicente como Jovem Aprendiz em fevereiro de 2018, quando cursava o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, no Largo do Machado. Pelo programa, o jovem ou a jovem aprendiz passa quatro dias da semana trabalhando na organização contratante e um quinto dia tendo aulas de capacitação e desenvolvimento na instituição formadora, no caso o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). Marcelly ficou dez meses atuando na Tesouraria e depois foi alocada no Desenvolvimento do Educador Vicentino.

“Ela é extremamente estudiosa e interessada, esportiva e sagaz e me ajudou muito aqui no DEV. Quando apareceu uma vaga na biblioteca, pensamos: por que não aproveitá-la?”, comentou Daniela Barbará. Deu certo. “Meu contrato acabava em junho de 2019 e em maio surgiu a vaga na biblioteca do colégio. Fui convidada a participar do processo seletivo e acabei sendo efetivada em julho, tão logo acabou meu contrato como jovem aprendiz”, conta Marcelly.

Depois de efetivada, ela decidiu cursar faculdade e no ano seguinte ingressou no curso de administração no IBMR. Hoje, além da biblioteca, Marcelly atua também na Sala de Leitura num contato mais direto com as crianças. A experiência no CSVP fez com que ela se apaixonasse pelo universo da educação e agora seus planos são cursar também pedagogia, depois de concluir o curso de administração. “Eu agradeço muito por essa oportunidade. Foi essa minha efetivação que me permitiu cursar a faculdade e me abriu muitas portas”, diz.

Outra jovem recentemente efetivada como funcionária do colégio é Lisandra Alves, hoje também prestes a completar 22 anos. Moradora de Vila Isabel e fazendo o Ensino Médio no Colégio Estadual Antônio Prado Júnior, na Praça da Bandeira, ela teve sua primeira experiência profissional como aprendiz na Coordenação Comunitária do São Vicente, onde ingressou em agosto de 2019.

Durante o período que durou seu contrato, ela pôde desenvolver várias habilidades, fez cartazes, a bolsa sustentável dada aos aniversariantes e a vetorização dos personagens digitais do CSVP, como o Vicentino e o mascote Tino. “Lisandra foi uma grata surpresa. Ela desempenhou muito bem, não só na parte técnica, mas na postura profissional, abraçando os valores vicentinos e a cultura do colégio como um todo”, disse a gerente do DEV.

“Eu também gostei muito do trabalho. Tive muito apoio de toda a equipe da Comunitária, principalmente do Gustavo e da Renata, que são da área de design como eu. Fiz diversos cursos de webdesign, ingressei na faculdade de tecnologia de design gráfico, mas meu contrato se encerrou durante a pandemia e eu precisei interromper o curso e trabalhar no comércio”, conta Lisandra.

Este ano, uma vaga foi aberta no setor de serviços gráficos do São Vicente e Lisandra foi indicada para a função. Participou do processo seletivo e foi efetivada em 1º de abril. “Estou muito satisfeita, maravilhada mesmo”, disse a jovem, que agora pretende retomar a faculdade e seguir na sua área de interesse: “É a minha paixão”.

“QUANDO SURGE UMA VAGA NOS NOSSOS QUADROS, PODER CONTAR COM QUEM JÁ ESTÁ AQUI, DESEMPENHANDO BEM SUA FUNÇÃO E INTEGRADO À CULTURA DA CASA, É BOM PARA AMBAS AS PARTES”.

DANIELA BARBARÁ,
GERENTE DA ÁREA DE DESENVOLVIMENTO DO EDUCADOR VICENTINO



NO MUNDO MÁGICO DA LITERATURA

Alunos do Ensino Fundamental soltam a imaginação num de seus espaços preferidos no colégio – a Sala de Leitura

Depois de dois anos fechado por causa da pandemia de Covid-19, um dos espaços mais queridos pelas crianças do São Vicente está novamente funcionando a todo vapor. Trata-se da Sala de Leitura Menino Maluquinho, a biblioteca infantil do colégio, onde os alunos do Fundamental 1 fazem seus primeiros mergulhos no mundo mágico da literatura. É para lá que, do 1º ao 5º ano, eles se dirigem uma vez por semana, e durante 45 minutos soltam a imaginação entre as centenas de títulos infanto-juvenis que se avolumam nas prateleiras espalhadas pela sala.

Esse tempo na Sala de Leitura faz parte do currículo escolar, mas, ao contrário das demais disciplinas, ali não há provas, notas, nem qualquer tipo de avaliação. “Nossa proposta aqui é formar leitor literário, leitor crítico, cidadão, que saiba opinar, falar sobre a vida, fazer inferências, fazer suas escolhas e aprender a interferir positivamente na vida social”, diz a professora Juana Coimbra, no comando da sala desde o início do ano, junto da auxiliar Marcelly Machado.

No colégio desde 2019, quando atuava como professora do 4º e do 5º ano, Juana sempre teve o trabalho em sala de aula muito volta-

do para a literatura, acreditando nela como potência e fonte de abertura de mundo e de repertório. “A literatura, sem querer pedagogizá-la, abre muitas portas para a aprendizagem, sobretudo da escrita, e perpassa todos os anos da educação básica”, afirma. E foi justamente por usar muitos livros literários nas suas aulas que ela acredita ter sido convidada a assumir a Sala de Leitura.

“Cheguei meio receosa, por conta da novidade, mas com muita vontade de acertar também, porque a literatura é minha

paixão”, confessa a professora, que fez vários cursos de literatura infantil com especialistas da área e segue a filosofia do crítico e professor inglês Peter Hunt como linha mestra do seu trabalho: “ler por ler para provocar reflexões”. Tudo de forma lúdica e prazerosa.

As crianças chegam, se instalam nas almofadas em frente a um pequeno palco, onde Juana se senta para contar a história do dia. A isso, segue-se a conversa literária, em que os alunos comentam o que ouviram a partir de provocações da professora. Em seguida, partem para a escolha do livro que vão pegar emprestado na semana: de aventura, trocadilho, mistério, coleções... “Essa escolha é feita de uma forma bem livre. Mas os preferidos são os livros de terror. Eles adoram”, garante Juana.

Afeto e alteridade

Há ainda as atividades complementares de acordo com o assunto trabalhado. O tema norteador da Sala de Leitura este ano é afeto e alteridade, tendo como eixo de estudo três unidades básicas: Sentimentos, Cultura Popular Brasileira

e Origens, cada uma delas com um acervo próprio de livros para as diferentes faixas etárias.

No primeiro trimestre, os alunos do 1º ao 3º ano, por exemplo, trabalharam a série de livros *Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz*, de Otávio Roth e Ruth Rocha, e depois elaboraram suas próprias listas de coisas que os deixam felizes. No 4º e no 5º ano, o foco se deu principalmente em dois títulos: *Sentimentos*, de Richard Jones, e *Mania de Explicação*, de Adriana Falcão. E a atividade complementar foi cada um escolher um sentimento e criar a sua própria definição ilustrada para produzir um e-book da turma. Uma delas dizia: “Alegria é um impulso feliz que te leva a um lugar que por mais que você queira chorar você só ri”.

No segundo trimestre, enquanto os alunos de 4º e 5º ano trabalhavam mitos, lendas e cultura popular contemporânea, o livro *De passinho em passinho*, de Otávio Júnior, acabou gerando um projeto interdisciplinar com a professora Luciane, de música. “Eu fiz a leitura



do livro, vimos uma entrevista da ilustradora, Bruna Lubambo, falamos do autor, vimos trechos do filme *Batalha do passinho* e a Lu fez a parte musical e da coreografia com as crianças. Elas curtiram demais!”, disse Juana.

Houve ainda atividades como os murais interativos *Mulheres que amamos* e *Se eu fosse um livro, qual seria?*, recorte e colagem inspirados no livro *Tarsilinha – Cores e Formas*, teatro com contos de fadas, construção individual de um Passaporte do Leitor e Clube da Leitura, todas com o mesmo objetivo: ajudar as crianças a aprender a ler melhor, a compreender o que leem, a se divertir lendo e a amar ler. Quer coisa melhor?



Dia de Sala de Leitura para o 1º ano. Na foto maior, as crianças atentas à história contada por Juana Coimbra. Nas fotos menores, alunos leem os livros que acabaram de escolher.



ESFORÇO RECOMPENSADO

Primeiro surdo a se formar no CSVP hoje é professor universitário, tradutor, intérprete e consultor de Libras, a língua brasileira de sinais

Era o início dos anos 2000 quando João Gabriel Duarte Ferreira quis seguir os passos do irmão mais novo, Francisco, e também ingressar no Colégio São Vicente de Paulo como aluno. Só que, diferente de Francisco, João Gabriel era surdo desde os 9 meses de idade, em consequência de uma meningite. Vindo de um colégio onde convivia com outros alunos com deficiência, ele passaria a ter 100% de colegas e educadores ouvintes no CSVP. Como era oralizado e tinha muita facilidade com leitura labial, João foi aceito e entrou na então 7ª série (hoje 8º ano) do colégio. Mas os desafios estavam só começando.

Estamos falando de um momento bem anterior ao Programa de Inclusão, que, em 2018, sistematizou e consolidou os preceitos básicos da educação inclusiva no São Vicente. Momento anterior à própria Lei Brasileira de Inclusão, criada em 2015 para garantir respeito aos direitos das pessoas com deficiência. As escolas regulares, em sua maioria, ainda não estavam preparadas para receber esses alunos de forma adequada a permitir que eles exercessem suas tarefas e atividades em condições de igualdade, sem exclusão, discriminação ou preconceito. O Colégio São Vicente, que sempre prezou pela inclusão

e pelo acolhimento das diferenças, não era exceção, mas aceitou a missão de acolher e integrar João Gabriel.

“A adaptação foi bem difícil. Eu sofria muito bullying por ser surdo. Falavam palavras ofensivas pelas minhas costas, me chamavam de burro, riam de mim... Mas depois comecei a me defender e a defender outros que sofriam bullying também. Tive muita ajuda dos meus amigos próximos, porque não me viam como “diferente”. Sou grato a eles sempre”, diz João Gabriel.

Na parte acadêmica os problemas não eram menores. “Ele se sentava sempre na primeira fileira, os professores falavam de frente para ele, repetiam as perguntas dos colegas para que ele pudesse acompanhar o que estava sendo perguntado, tentavam adaptar o material de estudo, mas, de todo modo, compreender a parte mais técnica do conteúdo era um grande desafio, sobretudo no Ensino Médio, e o João Gabriel chegou a repetir o primeiro ano, apesar do seu enorme esforço para acompanhar a turma”, lembra a psicopedagoga Maria Clara Borges, do Serviço de Orientação Educacional na época.

“As dificuldades eram muitas, principalmente na comunicação. Nunca tive intérprete durante esse tempo no colégio, então precisava estudar em dobro em casa. Mas, com

o tempo, nos acostumamos. E, por fim, consegui concluir o Ensino Médio, em 2009”, lembra João Gabriel, o primeiro aluno surdo a se formar no Colégio São Vicente.

Letras – Libras

Com seu grande talento para os esportes, passou no vestibular para Educação Física e ingressou na UFRJ. Foi lá que ele descobriu a existência do curso de Letras – Libras, a Língua Brasileira de Sinais, e decidiu mergulhar de cabeça. Pediu transferência para esse curso na Universidade Federal de Santa Catarina e deu novo rumo à sua vida.

Hoje, com 32 anos de idade, João Gabriel é mestre e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, professor substituto de tradução e interpretação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, tradutor e intérprete em diversos eventos acadêmicos, institucionais e culturais, e revisor de roteiros para a comunidade surda na TV Cultura, em São Paulo, onde ele mora sozinho com seus dois cachorros, - Jögan e Petey – também surdos.

Além de Português – Libras, João Gabriel também faz trabalhos de tradução e interpretação para outras línguas, incluindo as outras línguas de sinais, como ASL – American

“SER SURDO NÃO É MEU FARDADO. BARREIRAS SÃO.”

JOÃO GABRIEL DUARTE FERREIRA

Sign Language e Sinais Internacionais, e tem no currículo outro fato marcante: atuou como ator e consultor na série Crisálida, a primeira ficção bilíngue em Português e Libras já feita no Brasil, atualmente disponível na Netflix.

Para os alunos de hoje no São Vicente, ele deixa uma mensagem de esperança: “Vocês enfrentarão várias tempestades que virão ao longo de tempo, mas também virão arco-íris sempre”. E, de sua página no Facebook, manda um recado importante para todos: “Posso afirmar que sinto orgulho de toda a minha trajetória e de ser quem eu sou: surdo! Nós lutamos por conquistas que ainda nos distanciam da equidade social. Somos cidadãos, queremos a garantia de nossos direitos e buscamos cada vez mais representatividade, liberdade e autonomia. Ser surdo não é meu fardo. Barreiras são.”

Na página ao lado, João Gabriel num congresso de tradução, na época do SV com a camisa do colégio, fazendo uma selfie na serra, com os cachorros Jögan e Petey (também surdos) e em dia de festa no colégio, com os amigos.

EM DEFESA DA DEMOCRACIA

“O RESPEITO AOS LIMITES CONSTITUCIONAIS É O MÍNIMO QUE PODEMOS EXIGIR.”

RAQUEL BRAGA

No momento em que o regime democrático brasileiro sofre graves ameaças à sua continuidade, a Associação de Pais e Mestres promoveu um debate entre a comunidade escolar para tratar justamente da importância da democracia e das instituições democráticas. Realizada na noite de 31 de agosto, no auditório do colégio, a conversa foi conduzida pela juíza do Trabalho Raquel Rodrigues Braga, integrante da Associação Juizes pela Democracia, e pelo cientista político João Feres, professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Uerj.

A juíza Raquel Braga, que também assina o artigo da seção *diversidade* desta edição, na página ao lado, falou da democracia como premissa da civilização. Respondendo à pergunta sobre o porquê das leis, Raquel argumentou que elas explicam o surgimento das sociedades organizadas desde a Antiguidade. Na era contemporânea, os traumas da 2ª Guerra Mundial geraram a Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo a juíza um rol mínimo de regras protetivas da dignidade das pessoas.

Entretanto, os freios à barbárie trazidos pelo século 20 foram aos poucos desaparecendo e o que se vê hoje são sucessivos ataques à democracia ao arrepio da lei. “Nós retornamos à política de desprezo da elite aos direitos fundamentais da pessoa humana. O respeito aos limites constitucionais é o mínimo que podemos exigir”, disse Raquel Braga, complementando que uma das primeiras tarefas que temos para manter viva nossa democracia é não menosprezar nosso arcabouço jurídico.

Na sua exposição, o professor João Feres fez uma incursão histórica pela democracia, começando por ensinar que ela surgiu na Grécia Antiga e que, apesar do nome, era bem diferente da que conhecemos hoje. Era direta e nela vigoravam os conceitos de isonomia (leis iguais para todos), isocracia (exercício igualitário do poder) e isegoria (igual direito de manifestação e deliberação). Esse regime não durou mais do que 200 anos e deu lugar a governos autocráticos até a era das revoluções, no século 18. “A ideia de representação só surgiu com a independência americana e o termo democracia só começou a ser usado em meados do século 19”, disse o professor.

Hoje, segundo João Feres, entramos numa era que ele chamou de pós-democracia virtual, em que os militantes políticos podem ser fictícios, não precisam vir a público para se manifestar nem são responsabilizados juridicamente por suas opiniões. “No Brasil, para agravar a situação, vivemos a criminalização da política, em consequência da operação Lava-Jato. A eleição é a única possibilidade de mudar a rota desastrosa em que o país se meteu”, afirmou Feres, para quem teremos o desafio seguinte de lidar com as crises econômica e da comunicação, bem como com a crise das instituições, para fortalecer nossa democracia.



Os palestrantes João Feres e Raquel Braga no auditório, e depois do debate, ao lado da presidente da APM, Alline Figueira, e do diretor do CSVP, Padre Agnaldo de Paula.



VOTO ÉTICO

O voto é direito humano garantido em tratados internacionais, verdadeira conquista civilizatória, mas nem sempre foi assim. O Brasil teve eleição em 1532, após 32 anos da chegada de Cabral, 6 representantes para o Conselho Municipal de São Vicente. No local da coleta do voto, vedou-se a presença dos que detinham o poder de Portugal, objetivando a não intimidação dos eleitores.

A atitude do passado nos parece mais cuidadosa com as eleições do que a atual ante as constantes ameaças, do Chefe do Executivo, ao Processo Eleitoral Eletrônico.

Apenas em 1821, foram eleitos 72 representantes junto à corte portuguesa. Somente homens livres podiam votar, já que o Brasil, atrasado em relação ao resto do mundo, era escravocrata. O analfabeto também era eleitor, detalhe interessante, considerando as alterações futuras. E o voto não era secreto.

A Colônia teve a marca do voto censitário e fraudes constantes. Declarada a “independência”, Dom Pedro 1.º ordena a elaboração da primeira lei eleitoral para a formação da Assembleia Geral Constituinte de 1824. Época em que a identificação do eleitor, sem título eleitoral, se dava no ato da eleição, pelos próprios integrantes da mesa apuradora e por testemunhas.

O Império não alterou o voto censitário, ou os episódios de fraudes, admitindo o voto por procuração - o eleitor transfere, por mandato, o seu direito de voto para outra pessoa, prática propiciadora de fraude e proibida em 1842.

O título eleitoral entra em cena em 1881, parido pela Lei Saraiva, mas, não teve força moralizadora. O voto direto para presidente e vice-presidente, dez anos depois, em 1891, na Constituição Republicana. A República Velha, do Império até a Revolução de 1930, foi marcada por eleições ilegítimas. As fraudes e o voto de cabresto eram comuns e os detentores do poder político e econômico manipulavam os resultados das urnas.

Para o cientista político Jairo Nicolau, autor do livro sobre a história do voto, a República representou retrocesso em relação ao Império, por conta do voto de cabresto, diz ele: “As eleições deixaram de ter relevância para a população, eram

simplesmente uma forma de legitimar as elites políticas estaduais. Elas passaram a ser fraudadas descaradamente, de uma maneira muito mais intensa do que no Império. Dessa época vêm as famosas eleições a bico de pena: um dia antes da eleição, o presidente da Mesa preenchia a ata dizendo quantas pessoas a tinham assinado, fraudando a assinatura das pessoas que compareciam”

O voto como direito de todos é fruto de lutas diversas, conquistado em diferentes momentos: na década de 30, é secreto e entra em cena o feminino; nos anos 60 e 70, a ditadura impõe o bipartidarismo; década de 80, Diretas-já; anos 90, avanços no sistema eleitoral; e, na nossa era, as eficiência e segurança tecnológicas.

A eleição é um exercício coletivo na perspectiva de organização para todos, marco da civilização. No Brasil, ante a abissal desigualdade econômica, há muita gente sem condições de vida digna. Voltamos ao mapa da fome marcado pelo desgoverno do presente, o que exige, no nosso voto, um comportamento ético. Afinal, como ensina Umberto Eco, “Quando o outro entra em cena, nasce a ética”.

Raquel Rodrigues Braga

Juíza do Trabalho, TRT/RJ, aposentada, com MBA em Poder Judiciário pela FGV e Especialista Crítica em Direitos Humanos pela Universidade Pablo de Olavide Sevilla-ES.





FLASHMOB DOS CORAIS

Quem foi assistir à grande final do Campeonato de Futebol no sábado 11 de junho, no ginásio, se emocionou com a apresentação surpresa, em formato flash mob, dos corais do São Vicente. Regidos respectivamente por Taiana Machado e Danilo Frederico, os coros juvenis (SVEF, SVEM e SVAC) e adultos (ASV e São Vozes) cantaram em conjunto a música *Ciclo sem Fim*, clássico do musical *O Rei Leão*, com arranjo criado pela ex-regente Patrícia Costa. Um pouco antes do início da partida, sem aviso prévio, os coralistas dispersos pela plateia se levantaram, começaram a cantar e a se dirigir para o meio da quadra, surpreendendo e encantando a todos. O evento foi organizado e ensaiado de forma confidencial, sempre fora do horário de atividades no colégio, para garantir seu sigilo. Inesquecível!



FOLCLORE NOS MUROS

Iara ou Mãe D'Água, Boto Cor-de-Rosa, Cuca, Saci-Pererê e outros personagens do folclore brasileiro foram a inspiração, junto com as brasilidades das pinturas modernistas de Tarsila do Amaral, para que os alunos do 5º ano soltassem a imaginação no evento de Pintura do Muro realizado pouco antes do recesso escolar, no mês de junho. Sob orientação da professora Luciana Grether, os estudantes desenharam nas paredes próximas às quadras uma linha divisória entre o rio e a floresta e os povoaram com muitas árvores e seres diversos imaginados por eles. A composição, cheia de cor e graça, merece uma visita especial ao CSVP para ser apreciada com a devida atenção. Uma lindeza!



HORTA NO TELHADO

Está indo de vento em popa a obra para a instalação da nova horta orgânica do São Vicente. Projeto da APM, abraçado pelo colégio, a horta vai aproveitar um espaço antes ocioso – o telhado do prédio onde funciona o almoxarifado – que será transformado em espaço verde, útil e educativo, a ser trabalhado pedagogicamente com as crianças e jovens de todos os segmentos de ensino. A ideia é ter uma horta sustentável, que não utilize nenhum aditivo químico em seu cultivo e que aproveite tanto a incidência de sol no local quanto a água da chuva para a sua rega. Para isso, foi contratado um escritório especializado em captação de água de chuva, que poderá ser usada também para lavagem de pátios. Uma composteira também está prevista no projeto. No momento, o piso do telhado está sendo finalizado para a instalação dos canteiros, que abrigarão hortaliças, temperos, ervas medicinais, plantas aromáticas e flores comestíveis. A inauguração da horta orgânica deverá acontecer ainda nesta primavera.



JOGOS VICENTINOS 2022

Um dos momentos mais aguardados pelos amantes dos esportes, os Jogos Vicentinos 2022 voltaram ao formato presencial depois de dois anos suspensos por conta da pandemia de Covid-19. O diretor do colégio, Padre Agnaldo de Paula fez a abertura oficial dos jogos, no dia 4 de agosto, no Ginásio, com a participação de todas as turmas do Ensino Fundamental 1. Na solenidade, com direito a hino e juramento do atleta, houve uma bela apresentação de ginástica olímpica, do horário estendido, e cada uma das séries do segmento desfilou representando uma modalidade olímpica ou paralímpica.

Para os alunos do Fundamental 1, a ideia dos Jogos Vicentinos é de participação. "Cada série tem sua proposta de trabalho de acordo com a habilidade da faixa etária", disse a professora de Educação Física Daniela Cordeiro, da equipe de coordenação dos jogos. Trata-se de atividades realizadas em circuito, em estações de jogos e atividades lúdicas, como pique, queimado, futsal, jogos motores e jogos cooperativos diversos. Ao final, todas as crianças foram premiadas com medalhas de participação.

Além das atividades esportivas e lúdicas, o F1 teve ainda um ciclo de palestras durante a semana. Do 1º ao 4º ano, participaram alunos do Ensino Médio e ex-alunos federados, conversando com as crianças sobre a sua rotina como atletas, enquanto o 5º ano recebeu a visita de um atleta paralímpico de natação do Vasco para uma roda de conversa.

Já os jogos do Ensino Médio tiveram início no dia 3 de agosto com o vôlei feminino, e foram realizados aos sábados, nas modalidades futsal, vôlei, handebol, basquete e futevôlei masculino e feminino, com premiação dos primeiros e segundos lugares de todo o segmento. As medalhas entregues aos vencedores foram financiadas com apoio do Grêmio e da APM.

Para a equipe de Educação Física, composta pelos professores Daniela, Paulo, Gerson, Airton e Tatiana, o saldo dos Jogos Vicentinos 2022 foi muito positivo porque os alunos se mostraram muito participativos, mobilizados e empolgados e também mais encorajados ao convívio coletivo com a prática do esporte. "Neste momento nosso foco foi retomar a atividade esportiva presencial, para que eles pudessem voltar a sentir o pertencimento ao espaço esportivo da escola, e para o fortalecimento das habilidades socioemocionais dos alunos", disse a professora Daniela.

No mês de setembro, entre os dias 10 e 14, é a vez dos jogos do Ensino Fundamental 2. As torcidas já estão a postos!



UM OLHAR DURO E PERSPICAZ SOBRE A PARCELA DOS INVISÍVEIS

Livro: *Os Supridores*, de José Falero, Editora Todavia, 2020, 304 págs.

Me interessei pelo romance *Os Supridores* ao assistir a uma entrevista do autor, José Falero, na televisão, ocasião em que ele contou que leu seu primeiro livro aos 20 (vinte) anos de idade! Fiquei, então, curiosa para entender a literatura desse escritor jovem e promissor que vem das 'quebradas' (expressão utilizada pelo próprio autor) e que teve que trilhar caminhos tortuosos para ser aceito no seletto mundo da literatura.

O romance, além de eletrizante (nos prende do início ao fim) traz à mostra a dura realidade dos que nascem pobres: dois amigos, Pedro e Marques, que trabalham como supridores de mercados em um supermercado, cansados da exploração laboral, atolados em dívidas e com família para sustentar, decidem romper com o sistema opressor que os condena a uma vida imutável de miséria. "Seus bisavós tinham sido pobres a vida inteira, seus pais tinham sido pobres a vida inteira: até onde iria isso?". A saída encontrada pelos protagonistas se ampara num tripé de muitos jovens da periferia sem perspectivas econômicas: conseguir vender maconha, ter uma vida digna e não ser capturado pela polícia.

Longe de ser um romance de apologia ao consumo de entorpecentes, a história nos alerta para um mundo muitas vezes não perceptível pela sociedade privilegiada: o da precarização das relações de trabalho, da invisibilidade dos trabalhadores de serviços (no caso específico, os supridores de supermercados) e até onde podemos continuar aceitando a miséria cotidiana como natural e imutável.

Os Supridores nos obriga a olhar para lados aos quais talvez não estejamos acostumados, como por exemplo, um trabalhador de delivery. Como deve se sentir esse trabalhador que vem nos trazer uma pizza quentinha em noites de chuva, enfrentando os perigos de conduzir uma motocicleta ou mesmo bicicleta na pista escorregadia? Será que prestamos a devida atenção a ele? Recompensamos seu trabalho devidamente? Perguntas incômodas de cujas respostas fugimos...

A obra literária é narrada com dureza e muita perspicácia. A tranquilidade do autor narrar a trama entremeada de expressões típicas das periferias e sem descuidar da norma culta é um dos pontos altos também de sua forma de escrever.

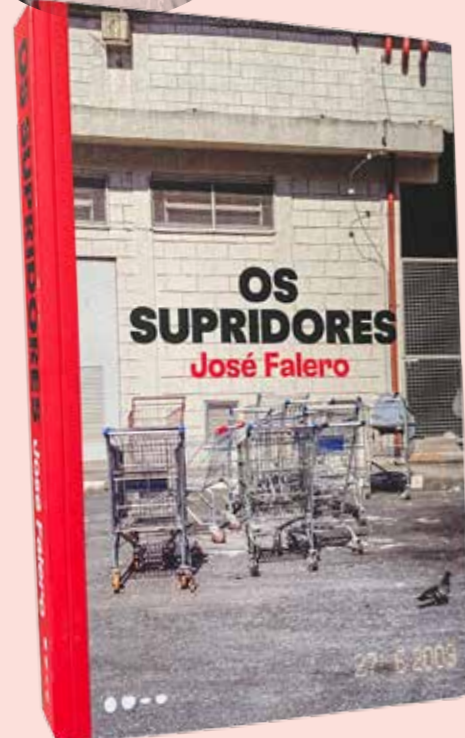
O que posso expressar após ler José Falero é que temos que prestar mais atenção à diversidade social e cultural que nos rodeia. Há talentos e talentos sendo desperdiçados por falta de oportunidades reais de se inserirem na sociedade: quantos alunos abandonam as aulas por não terem dinheiro para o transporte ou para um simples lanche? Quantas pessoas desistem de seus sonhos por conta da incapacidade de saírem da pobreza? Alcançar um lugar na sociedade é tarefa cada vez mais árdua para os excluídos. Ainda bem que Falero quebrou essa barreira da invisibilidade e está no meio de nós abrindo caminhos para tantas vidas invisíveis.

Por fim, totalmente magnetizada pelo romance e pelo autor, adquiri seu livro seguinte que também segue a mesma linha narrativa, porém em contos: Mas em que mundo tu vive? (essa resenha fica para outra ocasião ou para algum de vocês que se encantam com o autor e quiser escrever a respeito...)

Boa leitura!

Simone Sampaio

Advogada, mãe do ex-aluno Bernardo Sampaio Silva, e integrante do Conselho Fiscal da APM



A CHAMA PUBLICOU HÁ ... 4 ANOS

Em 2018, em mais um avanço tecnológico do Tribunal Superior Eleitoral, os brasileiros foram às urnas usando pela primeira vez o título eleitoral digital, ou e-título. Mas 2018 foi também marcado por uma grande crise de representatividade e muito desencanto com a política. Em março, a vereadora carioca Marielle Franco foi assassinada, e, em abril, o ex-presidente Lula foi preso. O cenário era de crescente polarização política.

Mas o ano também foi de Copa do Mundo. No final de junho, enquanto os jogadores disputavam o campeonato de futebol na Rússia, a Associação de Pais e Mestres fez, pela primeira vez, uma pesquisa com os alunos do Ensino Médio do São Vicente para saber como os maiores de 16 anos se posicionavam com relação às eleições majoritárias de outubro. *A Chama* cobriu e publicou o resultado na edição número 99, de agosto daquele ano.

O que a pesquisa revelou foi muita incerteza e apenas uma unanimidade: 85% dos que pretendiam votar não sabiam ainda em quem votariam para presidente, mas 97% responderam que não votariam de jeito nenhum em Jair Bolsonaro. Mesmo sem ter claro qual seria seu candidato, a maioria mostrou saber muito bem o que não queria como chefe da nação: extremistas, machistas, xenófobos, racistas, intolerantes nem defensores da tortura, segundo suas próprias respostas.

Hoje o cenário político mudou bastante. Mas o espírito vicentino, não.

O PRIMEIRO VOTO

Pesquisa com alunos do Ensino Médio mostra que a maioria não sabia em quem votar a três meses das eleições majoritárias no país

84,8%
AINDA NÃO
ESCOLHERAM
SEU CANDIDATO
A PRESIDENTE

MAS 97%
NÃO VOTARÃO
DE JEITO
NENHUM EM
BOLSONARO

92,4%
NUNCA
VOTARAM

69,7%
PRETENDEM
VOTAR

**7,5% NÃO
ACREDITAM EM
ELEIÇÃO E 4,5%
NÃO SE SENTEM
PRONTOS PARA
VOTAR**

**13,4% NÃO
TÊM TÍTULO E
3% NÃO TÊM
IDADE PARA
VOTAR**

**9,1% TÊM
CANDIDATO A
GOVERNADOR,
6,1% A SENADOR,
19,4% A DEPUTADO
FEDERAL E 10,5%
A DEPUTADO
ESTADUAL**

No ano em que vão inaugurar o título eleitoral digital, os brasileiros vão às urnas escolher presidente, governadores, senadores e deputados em meio a um cenário de crise de representatividade e muita polarização política. *A Chama* foi a campo, sondar como se posicionam os alunos do Colégio São Vicente, com mais de 16 anos, sobre as próximas eleições majoritárias.

Na última semana antes das férias escolares, os alunos do Ensino Médio foram convidados a responder a uma pesquisa online elaborada pela Associação de Pais e Mestres. É o que ela revelou foi muita incerteza e apenas uma unanimidade: cerca de 85% dos alunos que tiraram o título de eleitor e pretendem votar em outubro, ainda não escolheram seu candidato ou candidata à Presidência da República. Apesar disso, 97% dos respondentes têm pelo menos uma certeza: não votariam de jeito nenhum em Jair Bolsonaro.

No total, entre 110 cliques ao link, a enquete recebeu 66 respostas de alunos. Desses, 61 (92,4%) nunca votaram na vida. Mesmo o voto sendo facultativo – 85,3% dos respondentes têm menos de 18 anos –, 69,7% disseram que pretendem ir às urnas nas próximas eleições, por considerarem importante sua participação na escolha dos representantes. É o caso dos oito alunos do 2º e 3º anos, que se dispuseram a dar seu depoimento nesta matéria.

"Tirei o título assim que pude, mesmo não sendo obrigatório, porque votar é uma das várias formas que a gente tem de participar da política, ainda mais no momento crítico em que estamos vivendo", disse Isabela Lopes, do 3º ano B. "Cada voto conta. Para eleger quem eu gostaria, também tenho que fazer minha parte", acredita Mateus Duarte de Freitas, do 2º ano B. "Acho que essas vão ser eleições importantes,



Trudeau... movimento representativo e... quena minoria marginal" e... Governo não seria inti... Cerca de 90% dos ca... que trabalham... canadense... doses da... domin... ram... i... gatoriedade...
O secretário mu... Educação, Renan... nha, disse que out... de na rede é que pr... alunos que testare... para Covid-19 vão... nas sete dias em c... ma inteira não ser... mas todos farão o... verificar se estão in... O painel de inf... 19...

O secretário mu... Educação, Renan... nha, disse que out... de na rede é que pr... alunos que testare... para Covid-19 vão... nas sete dias em c... ma inteira não ser... mas todos farão o... verificar se estão in... O painel de inf... 19...

... mais inscrições, agora com... o foco na vacinação... anúncio Valle... Dados da Prontobaby, a maior rede privada de em... gência pediátrica d... reiteram a import... imunização pa...

ogado a... do como... letiva ini... morado... n do des... encia".
protesto,
e ataques

SURTO DE ÔMI
Trudeau, q... mento após... cada... em C...

o futuro

... se eu tomar o refor... estiver com Covid?

Segundo o infectol... Renato Kfoury, presi... do Departamento de L... Sociedade

MÃES DE PORTA EM PORTA
O secretário explicou que o grupo tem hoje 9.390 mulheres, a maioria mães de alunos. Elas trabalham em contato com a direção de cada escola, buscando estudantes faltosos.
— Estamos fazendo um novo...

... A transaçã... aval da Agência N... Telecomunicações (Anatec) para ser sacramentada. O negócio é considerado por credores da Oi como essencial para o plano de recuperação da companhia. Este mês, os com... dores ant...

... manifestantes gratuitos oferecendo pontos, uma cozinha comunitária e atêrgeradores de energia portáteis, além de banheiros e saunas portáteis usadas para reuniões.

MÚJERES UNIDAS
... TOMO CERAN

... O país de 30 milhões de habitantes passou a sofrer um surto de 41,6 mil casos diários. O surto está em média em torno de 13 mil...